



Sonus Faber Elipsa

A arte de fazer música

Alguns fabricantes de colunas procuram conquistar o cliente descrevendo a avançada tecnologia subjacente ao desenvolvimento dos seus produtos, ao ponto de muitas vezes a tecnologia e métodos utilizados acabarem por assumir uma importância superior à dos produtos propriamente ditos. Goste-se ou não da verborreia técnica subjacente, a verdade é que existe um conjunto de medições que podem provar a qualidade, ou a ausência dela, do produto final.

Curiosamente, no outro extremo, temos fabricantes que quase fazem tábua rasa da técnica e argumentam com audições cuidadas feitas por alegados «ouvidos de ouro», cujas decisões determinam o resultado final dos respectivos produtos, sem que, no entanto, possam ou queiram provar documentalmente essa qualidade, implicando que o potencial cliente deverá crer ou não nos resultados audíveis e decidir com base nestes se o produto merece ou não a sua confiança. Quere-me parecer que a maior parte dos fabricantes promovem os respectivos produtos com um misto destas duas situações, embora haja sempre aqueles que dão mais ênfase a uma faceta em detrimento de outra.

Na minha opinião, a Sonus Faber inclui-se no segundo grupo. É sabido que a qualidade de fabrico das caixas é elevadíssima e que a marca faz uso de unidades activas originárias dos mais afamados fabricantes nórdicos, muitas vezes desenvolvidas em cooperação e/ou em exclusivo para a Sonus Faber. Todavia, basta uma visita ao *site* da marca ou a consulta de uma brochura para perceber que o princípio orientador de divulgação da marca passa por exaltar as qualidades da reprodução de música, ao ponto de estabelecer ligações entre os métodos de fabrico dos instrumentos musicais e os utilizados para fabricar as colunas, e não pela apresentação de belos gráficos saídos de um qualquer computador, uma abordagem que muitos audiófilos apreciam enquanto outros, mais técnicos, a consideram um absurdo. Pessoalmente considero a técnica como um meio para atingir um fim e nunca um



fim em si mesmo, de modo que, em última análise, é o resultado musical, tal como se apresenta aos meus ouvidos, que determina a minha opinião sobre qualquer componente de um sistema de som, seja um leitor de CD's, um amplificador ou um par de colunas.

As Elipsa

Depois de ter surpreendido meio mundo com o formato invulgar das Stradivari, o topo-de-gama da série *Homage*, talvez já fosse esperado que a marca fizesse uso da tecnologia e desenvolvimento adquiridos e os aplicasse a um modelo de preço mais acessível. Foi precisamente com a premissa de oferecer num modelo mais acessível muita da performance musical das Stradivari que a Sonus Faber desenvolveu as *Elipsa*, sendo talvez a única surpresa o facto de incluir este modelo no topo da gama Cremona e não como um modelo mais acessível da série *Homage*, como muitos esperavam.

A caixa das *Elipsa* possui uma forma elíptica, que lhes dá o nome, e é

quase como que a junção de duas Cremona unidas pela face frontal, com os altifalantes colocados na face lateral. Nas *Elipsa* são utilizadas 20 réguas de madeira de ácer maciço, rigorosamente seleccionada e optimizada para um controlo das ressonâncias da caixa, conseguido com recurso a uma colocação estratégica das réguas de madeira em pontos chave da estrutura da coluna. Na traseira as *Elipsa* dispõem de três pórticos *reflex*, tantos quantos os altifalantes utilizados, e um único par de terminais de alta qualidade e desenho exclusivo. O acabamento das *Elipsa*, tal como na restante gama Cremona, consta de múltiplas camadas de um verniz de brilho médio e cor de madeira natural, em belo contraste com o negro das réguas laterais e painel frontal. As *Elipsa* repousam em duas placas de ferro que obrigam a coluna a tomar um determinado ângulo de inclinação, de modo a permitir o alinhamento temporal de todos os altifalantes.

As unidades activas constam de um imponente *woofer* de 26 cm, o mesmo que equipa as Stradivari, com

TESTE Sonus Faber Elipsa



cone em liga de alumínio/magnésio, e com um sistema especial anticompressão, desenhado de modo a eliminar distorções e ressonâncias de caixa. A unidade de médias frequências é inteiramente nova e foi desenhada em conjunto com os habituais fornecedores nórdicos e com a Sonus Faber, especificamente para a câmara acústica das Elipsa, de modo que me

parece correcto afirmar tratar-se de uma unidade dedicada a este modelo. O cone, realizado em fibra de madeira preta, possui 15 cm de diâmetro e uma suspensão dinâmica de elevada linearidade. Por fim, o *tweeter* é um *ring radiator* de 25 mm, que à vista desarmada me pareceu igual ao utilizado na série *Homage*, embora não tenha podido confirmar esta informação.

Audições

As Elipsa foram ouvidas na sala de testes da *Audio* com fonte e amplificação *Audio Analogue*, nomeadamente o leitor de CD's *Maestro 192/24* e amplificador *Maestro Duecento*. A cablagem constou de cabos de interligação balanceados e de coluna *Nordost Frey*.

Até certo ponto, as Elipsa como que estabelecem a ponte entre o som mais extrovertido, aberto e dinâmico das *Cremona* e a sobriedade e introspecção das *Stradivari*. Das *Cremona* herdaram a sonoridade solta, aberta, de grande desenvoltura dinâmica, com grande facilidade em resolver os momentos musicais mais complexos, seja nos mais exaltados compassos da 3ª Sinfonia de Mahler ou com música de origem electrónica, como o álbum *Dérives* de René Aubri. Das *Stradivari* herdaram o timbre verdadeiro e uma solenidade quase escura na apresentação do evento musical que não reconheço nas *Cremona*, mas que me é familiar não apenas nas *Stradivari*, que ouvi apenas em sessões de demonstração passageiras, mas principalmente nos mais antigos modelos da marca, como as minhas próprias *Electa Amator II* e, mais ainda, nas originais *Guarneri Homage*.

Houve dois aspectos na performance das Elipsa que me impressionaram logo de início. O primeiro tem a ver com as dimensões do palco sonoro e com a fantástica capacidade que as Elipsa têm para desaparecer de cena. Que os modelos de colunas monitoras efectuem esse truque de magia que é desaparecerem literalmente do plano de audição deixando ficar apenas a música distribuída por um palco tridimensional, é algo que já não se estranha, agora, que colunas com a volumetria das Elipsa efectuem com enorme facilidade o mesmo truque, é que já não é assim tão vulgar. Mas o facto é que, com as colunas colocadas a cerca de 1 m das paredes traseiras, 40 a 50 cm das paredes laterais e apontadas directamente ao local de escuta a pouco mais de 3 m de distância, o palco sonoro surge imenso, tridimensional, com uma profundidade invulgar e englobando as colunas na sua totalidade, desap-

recendo estas completamente de cena enquanto origem do som e deixando apenas a música para fruição do ouvinte.

O segundo aspecto tem a ver com a nítida sensação de perfeita integração de todas as unidades activas, do que resulta uma grande uniformidade na reprodução sonora, uma liquidez e fluidez notáveis e que muito contribuem para a intrínseca musicalidade das colunas. Ouça-se o Concerto para Flauta Piccolo de Vivaldi e perceber-se-á o que é integração entre instrumento solista e orquestra, sem pôr em causa a individualidade e o carácter solístico da flauta piccolo; toda a apresentação surge num palco volumétrico e tridimensional, com a orquestra a ocupar nitidamente o segundo plano mas ainda assim a serem desenvolvidos múltiplos planos ainda mais recuados que revelam com igual claridade os diversos naipes do efectivo orquestral.

O registo grave das Elipsa surge posante, com excelente extensão e um equilíbrio notável entre poder e articulação, de modo a que a demonstração de poder não se faça de uma forma gratuita nem à custa da necessária definição e articulação. Se com uma batida mais electrónica ou de pedal de bateria, como no já mencionado trabalho de René Aubri ou em *L'Heure du Jazz* de Patricia Kaas, pode ser notório um enchimento do médio-grave a exigir um cuidado redobrado no posicionamento das



colunas, de modo a evitar o aparecimento de ressonâncias de sala por simpatia, já com música sinfónica tocada a volumes de som realistas, como eu gosto de a ouvir, não presenciei nunca o aparecimento dessa ênfase no médio-grave, antes um registo grave que no seu todo prima por uma notável limpeza, pujança dinâmica e notável articulação, permitindo apreciar toda a imponência dos naipes de violoncelos e contrabaixos, sentir a tensão dos timbalões, a força física do bombo e a rica textura dos metais, principalmente trombones e trompas que têm na 3ª de Mahler alguns momentos verdadeiramente gloriosos.

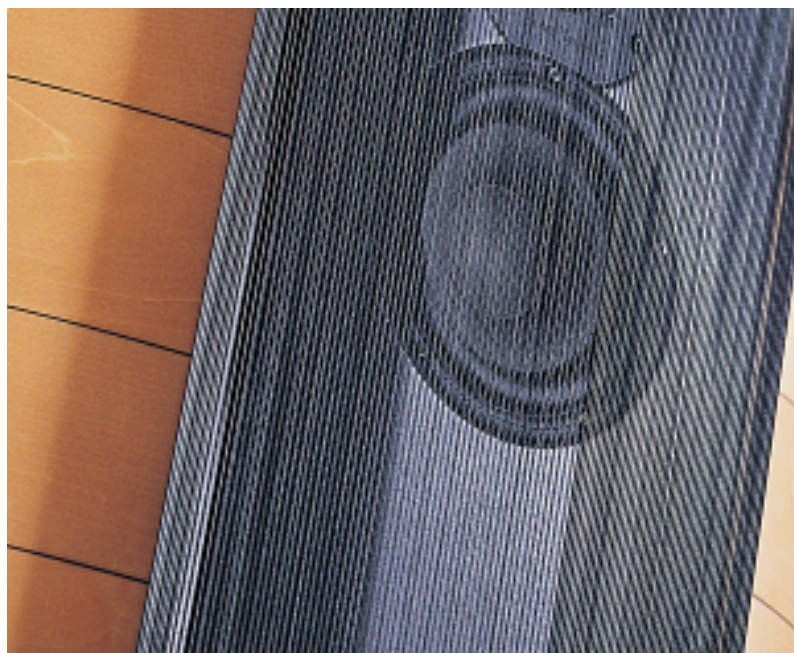
É principalmente pelos registos médios que considero que as Elipsa afirmam uma personalidade muito própria e se afastam quer das Cremona quer da série Homage. Com uma transparência notável, onde o

detalhe abunda mas não comanda, os médios das Elipsa revelam-se plásticos, capazes de uma notabilíssima paleta tonal que abarca com incrível facilidade das intrincadas nuances da voz humana até ao timbre sedoso e penetrante dos mais variados instrumentos de sopro de madeira. A soltura que imprimem à reprodução sonora é quase ímpar na minha experiência audiófila e, principalmente com instrumentos acústicos, faculta uma reprodução verdadeiramente credível do evento gravado, contribuindo de um modo decisivo para uma fruição global e completa da obra musical. A gravação de *O Messias* de Handel, pela Academia de Música Antiga, é notável não apenas pela qualidade técnica mas principalmente pela interpretativa, utilizando instrumentos da época com o seu timbre acetinado e radiante e que as Elipsa corporizaram na sala de audições de um modo totalmente verosímil.



Esta fantástica performance dos registos médios não seria possível, no entanto, sem a contribuição do que lhe está acima e do que lhe está abaixo. A integração entre todas as unidades é, como já referi, perfeita e uniforme, facultando uma reprodução de corpo inteiro e de uma invulgar liquidez. Falta, no entanto, referir que a passagem entre os médios e o registo agudo se faz de um modo tão líquido e suave que se torna praticamente impossível perceber onde um acaba e outro começa. Eu, pelo menos, não consegui, confesso. Talvez alguns «ouvidos de ouro» mais susceptíveis consigam descortinar algo que a mim me pareceu pura e

TESTE Sonus Faber Elipsa



simplesmente perfeito, de modo que apenas tenho de comunicar aos leitores como aos meus ouvidos me soou. E o que me soou foi uma reprodução de vozes, quer solistas quer em coro, tão análoga à realidade como ainda não tinha experimentado em colunas destas dimensões, cuja tendência é exagerar a colocação ou voz de peito nos homens com a consequência de anasalar as vozes femininas. Só mesmo colunas monitoras de altíssimo nível me haviam proporcionado uma experiência semelhante com a reprodução da voz humana.

Com música instrumental, o registo agudo prima por uma enorme extensão, incrível soltura e refinado detalhe. O segundo andamento do Concerto para Piano e Orquestra nº 2 de Shostakovich está impregnado de um lirismo romântico que as Elipsa conseguiram transpor com total facilidade para a sala de audições. As notas mais agudas do piano a soarem límpidas, soltas, quase etéreas, e a mão esquerda a fazer sentir a imponência da caixa do instrumento, com o acompanhamento sinfónico sempre presente de um modo muito nítido mas sem mascarar minimamente o trabalho do solista. Se outra prova fosse necessária bastaria ouvir o trabalho das escovas sobre os pratos da bateria em *L'Heure du Jazz* e a maneira como o timbre metálico do prato se revela de um

modo imediato e límpido e com uma extensão e uma soltura tais que permitem identificar a posição do prato da bateria e continuar a ouvir o som produzido pelas escovas no prato muito depois de ter cessado o contacto físico entre ambos.

Conclusão

As Elipsa são muito mais do que umas colunas de som. Tal como a Sonus Faber gosta de afirmar, são um verdadeiro instrumento musical, cuja função é permitir que se ouçam os instrumentos musicais. E nessa função são tão perfeitas quanto o engenheiro humano e a componente técnica o permitem. O *design* é um misto de refinada elegância e eficaz funcionalidade a que a marca já nos habituou. A construção e os acabamentos são soberbos e motivo de orgulho para quem tiver a sorte de as poder adquirir. São, em suma, o que de melhor o conceito de *high-end* é capaz de produzir, uma obra de arte que é também um fantástico reproduzidor de música e um passaporte para a sala de concertos, só que, neste caso, a sala de concertos passa a ser o lar de cada um de nós transformado pela acção mágica das Sonus Faber Elipsa.

Preço: 13.500,00 €

Representante: Imacústica

Tel.: 22 537 73 19

Especificações

Sensibilidade	91 dB SPL (2,8 V @1 m)
Impedância nominal	4 Ohm
Frequência de resposta	35 Hz–30 kHz, pórticos incluídos
Frequências do crossover	250 Hz 2300 Hz
Tipo de caixa	Reflex – pórticos traseiros
Dimensões	1245x550x455 mm (A/L/P)
Peso	97 kg (par)

Discos utilizados nas audições

COMPOSITOR / OBRA	INTÉRPRETES	EDITORIA
G. Mahler Sinfonia nº 3	Doris Soffel Limburger Domsingknaben Frankfurter Kantorei Orquestra Sinfónica da Rádio de Frankfurt Eliahu Inbal	DENON
G. F. Handel O Messias	Judith Nelson, Emma Kirkby, Carolyn Watkinson, Paul Elliot, David Thomas Choir of Christ Church Academy of Ancient Music Christopher Hogwood	L'ÔISEAU-LYRE
D. Shostakovich Conc. p/ Piano e Orquestra nº 2 em Fá Maior op.102	Cristina Ortiz Orquestra Royal Philharmonic Vladimir Ashkenazy	POLYGRAM
António Vivaldi Conc. p/ Flauta em Sol Maior RV444	Flauta – Timothy Hutchins I Musici de Montreal Yuri Turovsky	CHANDOS
Dire Straits Private Investigations	Dire Straits	VERTIGO
René Aubri Les Voyageurs	René Aubri	AS DE COEUR PRODUCTIONS
Patricia Kaas / Scène de Vie	Patricia Kaas	COLUMBIA